

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Folhetim - Folha de São Paulo* Class.: *HIR00277*

Data *7 de Janeiro de 1979* Pg.: *14*

*Folhetim 7-1-79*

# ENTERREM MEU CORAÇÃO NO DELTA DO AMAZONAS

Quando o primeiro homem branco pôs as patas no litoral brasileiro, recebeu dos índios que se aproximaram rindo, um curioso presente: um cocar de penas brancas. Meio envergonhado, ele retribuiu a oferta: deu-lhes um pesado chapéu de feltro cinzento.

Presságio maldições!  
Tinham início as dolorosas relações entre "selvagens" e "civilizados" — e que ainda iam se prolongar por mais quatro séculos. Começavam alegremente. Terminariam mal.

Dos cinco milhões de índios que se calcula naquela época viviam entre o Oiapoque e a barra do Chuí; entre o rio Javari e o cabo de Santo Agostinho, hoje restam perto de duzentos mil — na sua maioria desorientados, alquebrados, insanos, entorpecidos, abobados.

Foi na Amazônia (ali onde o mar já virou sertão onde um dia o sertão voltará a ser mar) que se desenrolou a etapa mais dramática da destruição de um povo.

A água: a imensidão e o vazio: o Delta do Amazonas: foi a partir dali que um exército molambento — em pleno século das luzes — se atirou sobre os índios com o objetivo de se apossar de mão-de-obra barata para alimentar o grande monstro industrial da borracha, que dava seus primeiros passos.

O seringueiro sempre penetrou na mata ~~com que o acompanhasse qual-quer tipo de lei.~~ Seguiam o curso dos grandes rios. E como as águas dos rios nunca passam duas vezes pelo mesmo local, apenas os igarapés solitários restam como testemunhas de violências bestiais: índios escravizados, homens, mulheres e crianças arrancados da tribo para trabalhar e servir de objeto de prazer sexual...

A decadência da economia extrativa salvou muitas tribos por mais algumas décadas. Mas eles não perderiam por esperar. A penetração das grandes boladas afastou-os para sempre. Trata-se de uma lei implacável: "onde entra o boi — sai o homem". As grandes boladas de zebus (o único bovino a suportar o pesado calor do trópico) logo começaram a entupir as estradas. A mata foi derrubada para ceder lugar aos capins africanos. O boi branco e sagrado que um dia veio das várzeas lamacentas do Ganges tornou-se o novo rei da Amazônia.

**MASSACRES**

A Nação Walká foi a primeira a receber o impacto dos seringueiros e caucheiros. Sobre os Xirians caíram os abutres do ramo mercantil: mascates, comerciantes de armas e de cachaça. Os Guaharibos chegaram a ser proibidos de morar em malocas coletivas, a pretexto de que viviam em uma "promiscuidade imoral". Destruidas as habitações que se constituíam na própria base de sua vida comunal primitiva — frágeis pilares de sua unidade e organização — a desintegração cultural foi imediata.

O massacre foi mais brutal nos vales dos rios Juruá e Purus, onde outrora se encontravam as maiores reservas de seringueiras do mundo. As Nações Pano e Aruak foram rapidamente dizimadas. Índios ativos (nossos antepassados) arrojavam a frente ao pó diante da imensa superioridade do branco, de sua inteligência diabólica.

Loucura e morte na vastidão das selvas!

No interior das grandes florestas o conquistador sabia que era imprescindível a utilização do trabalho braçal do índio, quer no transporte, quer no desmatamento. Mas nos vastos cerrados do centro-sul

a presença do indígena tornava-se fisicamente indesejável. Tinham que ceder lugar à tropas de boi. Agora iria entrar em cena a tenacidade e a dureza secular do boiadeiro. E se este elemento ainda não fosse suficiente para expulsar o índio, convocar-se-ia um especialista: o bugreiro, o matador de índios, o capanga de todas as tocalas e traições, o aborto tardio do bandeirante predador — o Deus do Jaguacedo!

**RESISTENCIA**

Nos extensos vales do Tapajós e do Madeira os Torá e os Mundukuru se constituíram numa formidável barreira à penetração branca. Também o povo Parintin cobrou um alto preço (resgatado em sangue) pela borracha extraída para fabricar os pneus dos carros de luxo das prostitutas da Côte d'Azur — ou dos carros de combate Montgomery, que iriam rolar pelas areias do Ryff...

Carijós, Xucurus, Potiguaras: deles só resta a memória. Tentaram resistir até ao impossível, ora lutando bravamente, ora cedendo e até se aliando aos invasores para sobreviver. Contra a Nação Timbira travou-se uma luta prolongada, porque os índios se refugiavam nas serras gerais de onde raramente saíam para fustigar o inimigo. Quando se tornava difícil destruí-los pela guerra, procurava-se atraí-los para a periferia das povoações sórdidas — onde as doenças e o álcool se encarregariam do resto.

Algumas Nações foram jogadas contra outras, como os Krahós, que se especializaram em escravizar seus próprios irmãos para vendê-los aos brancos em troca de cachaça e sal.

Somente os mais aguerridos e alçados conseguiram sobreviver, como os Gaviões, que durante muito tempo se esconderam pelas margens do Tocantins.

No coração do planalto central a Nação Karajá foi muito judiada. E os poucos que restaram quase que se transformam em meros objetos de atração turística na Ilha do Bananal, onde possivelmente passariam a maior parte do tempo a sacudir a bunda para turistas estrangeiros tirar retrato.

Os Ingênuos Xerentes — que chegaram a transformar o barbudo D. Pedro 2.º em seu deus — também desapareceram.

No coração do país ainda restam alguns Kayopós e Xavantes, que sobreviveram justamente por serem ferozes e arredios, durante muito tempo escapando de qualquer contato com "civilizado". E os Bororos, outrora notáveis por sua robustez física (como se percebe nos filmes da marcha do general Rondon), entraram em paulatino enfraquecimento e decadência.

**TRISTES TRÓPICOS**

No vasto pantanal de Mato Grosso viviam os Mbatá-Gualcurus, os primeiros índios do continente sul-americano a utilizar cavalos selvagens como montaria. Seu campo de ação se tornou imenso. Desde as entradas da floresta amazônica dominavam tudo — até os contrafortes dos Andes. Aliados aos canoeiros Payugúas se assenhorearam de um território tão vasto que as próprias autoridades ibéricas se viram obrigadas a assinar com eles diversos tratados de paz. Na Guerra do Paraguai chegaram a constituir batalhões independentes que lutaram ao lado dos brasileiros para impedir a penetração "lopista" na região ao norte do rio Apa. Pois destes ativos cavaleiros talvez não restem hoje mais do que algumas dezenas de indivíduos arrasados.



Uma raça em extermínio

Tristes trópicos: Kadiveus, Guanás, Otis, todos se acabaram. Uns, tomados de impulsos místicos alucinatórios, se suicidaram ou fugiram em direção ao mar, numa ânsia louca de liberdade. Outros terminaram mendigando à beira das estradas do progresso, como os Botucudos, Maxacalis, Pataxós.

Alguns, como os descendentes dos Caimangues e dos Xoklengs, no sul, se dividiram em pequenas tribos altamente belicosas, tentando se opor à penetração da colonada. Erro terrível: bugreiros profissionais foram contratados para exterminá-los até a morte, transformando-os em pouco mais do que animais. Acossados de tal maneira os últimos remanescentes adotaram um comportamento de feras. Saíam apenas à noite e cercavam seus acampamentos improvisados com buracos camuflados, celos de estacas ponteagudas. Quando prendiam um colono, imediatamente esquartejavam-no e até comiam sua carne. Tentavam matar antes de morrer. Terminaram esfaqueados. Considerados foras-da-lei, seu assassinato era bem visto. Ainda no final do século passado, a simples passagem de algum "índio xucro" por perto de um lugarejo do sul era suficiente para excitar o populacho. Homens, mulheres e até crianças se punham em seu encalço como cães de guerra. A memória de um Sepé Tiaraju ou de um Miguel Uirabaru há muito estava abandonada pelos novos donos da terra...

Dentre os poucos índios que restaram, espalhados pela vastidão do Território, muitos perderam até mesmo a noção da

realidade. E ainda acham que suas Nações um dia voltarão em toda glória e esplendor, renascendo das cinzas de Kané e da vasta cabeleira de Caró Sacalbu, que voam — altaneiros e invisíveis — entre as nuvens do céu, de onde tudo observam através dos mil olhos dos caranchos-de-penacho-branco. Lá nas alturas eles sentem apenas desprezo por aqueles homens pálidos, enfermiços e desfibrados, que um dia destruíram suas aldeias e povos. E esperam o momento de desabar sobre a Terra — com fúria — como nas assombrações do Bonata e do Quer-que-Er.

○  
Não tenhamos ilusões: estamos nas vésperas da descida do pano sobre a tragédia de nossas populações autóctones.

O chamado projeto de "Emancipação" seria o último massacre — o tiro de misericórdia — a se aplicar sobre uma raça. Perdendo seus últimos direitos — a tutela do Governo e a posse da terra — só restará ao índio se afundar no turbulento mercado de trabalho da mão-de-obra barata. De onde não mais sairá.

Sejamos realistas. Quem conhece o passado livre de nossos índios sabe que ele não voltará. Só nos resta implorar aos poderosos de hoje que olhem para o futuro e tenham pena — tenham dó — desta gente que já foi tão judiada.

Deixemos os índios em paz. Eles estão no fim. Não merecem sofrer mais.

Paulo Ramos